



EXPERIÊNCIAS DOCENTES E DISCENTES

Portografando: uma oficina de fotografia em um Centro de Atenção Psicossocial

Portografando: a photography workshop in a Psychosocial Care Center

Portografando: un taller de fotografía en un centro de atención psicosocial

 Natália Medeiros Petitemberg*
 Antonella Cabrini de Lima**
 Miguel Ângelo Farias de Lima***
 Flávia Pimentel Pereira****
 Juliana Unis Castan*****

RESUMO

A reabilitação psicossocial é uma prática trabalhada em serviços de base comunitária, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Os grupos e oficinas terapêuticas visam o desenvolvimento de habilidades — tanto técnicas como relacionais, além de promover a socialização, a autonomia e o protagonismo. A fotografia e seu avanço tecnológico destacam-se como um importante recurso que vem impactando nos modos de produção de subjetividade. Este artigo objetiva descrever e discutir a criação, desenvolvimento e repercussão de uma Oficina de Fotografia em um CAPS II do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Trata-se de um relato de experiência de um grupo fechado, de 12 sessões. O número de participantes variou de dois a seis usuários. A duração dos encontros era de uma hora e meia, realizados semanalmente. A oficina mostrou-se capaz de despertar novos interesses nos usuários, contribuindo para a inclusão social. Foi um local de respeito, interação e incentivo ao exercício da cidadania. Destaca-se, também, a apropriação dos usuários do direito à circulação por espaços não protegidos da cidade. A exposição a situações reais, com atividades externas, mostrou-se eficaz para trabalhar as habilidades sociais. A experiência da Oficina de Fotografia apresentou-se como um importante dispositivo para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e apropriação do território, oportunizando a qualificação no processo de reabilitação psicossocial dos usuários.

*Psicóloga Clínica, Guaíba, Brasil. E-mail: npetitemberg@gmail.com.

**Secretaria Municipal da Família, Cidadania e Assistência Social de Gravataí, Gravataí, Brasil. E-mail: atcabrini@gmail.com.

***Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre, Brasil. E-mail: maflima@hcpa.edu.br.

****Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre, Brasil. E-mail: fppereira@hcpa.edu.br.

***** Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre, Brasil. E-mail: jcastan@hcpa.edu.br.

Autora para correspondência: Natália Medeiros Petitemberg. E-mail: npetitemberg@gmail.com.

Palavras-chave: Assistência à Saúde Mental. Reabilitação Psiquiátrica. Intervenção Psicossocial.

ABSTRACT

Psychosocial rehabilitation is a community based practice, common at psychosocial care centers, such as the Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Therapeutic workshops aim at developing technical skills and relational abilities, while promoting socialization, autonomy and protagonism. Photography is an important resource. Along with its technological advances, it has been impacting the subjectivity process. This article aims at describe and discuss the creation, development and impact of a photography workshop at a psychosocial care center at Porto Alegre, Rio Grande do Sul. This is an experience report of conducting the workshop, composed of 12 sessions of 1.5 hours each. There were two to six users in each group. The workshop helped users to find out new interests, contributing to social inclusion. It was a safe place to practice respect, interaction and citizenship. The users were able to occupy public spaces, circulating in the city and being exposed to real life situations — the ideal setting to practice social skills. The photography workshop was an important resource to be in the territory and to develop the feeling of belonging — both important steps in the rehabilitation process.

Keywords: Mental Health Assistance. Psychiatric Rehabilitation. Psychosocial Intervention.

RESUMEN

La rehabilitación psicosocial es una práctica utilizada en servicios comunitarios, como los Centros de Atención Psicossocial (CAPS). Los grupos y talleres terapéuticos tienen como objetivo desarrollar habilidades técnicas y relacionales, además de promover la socialización, la autonomía y el protagonismo. La fotografía se destaca como un recurso importante, pues, junto con su avance tecnológico, ha incidido en los modos de producción de la subjetividad. Este artículo tiene como objetivo describir y discutir la creación, el desarrollo y el impacto de un Taller de Fotografía en un CAPS II en la ciudad de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Este es un informe de experiencia de un grupo cerrado, con 12 sesiones. El número de participantes varió de dos a seis usuarios. La duración de las reuniones fue de una hora y media, realizadas semanalmente. El taller demostró ser capaz de despertar nuevos intereses en los usuarios, contribuyendo a la inclusión social. Un espacio de respeto, interacción y estímulo al ejercicio de la ciudadanía. También es destacable la apropiación por parte de los usuarios del derecho a circular por los espacios desprotegidos de la ciudad. La exposición a situaciones reales, con actividades externas, demostró ser efectiva para trabajar las habilidades sociales. Conclusión: La experiencia del Taller de Fotografía demostró ser un importante dispositivo para el desarrollo del sentido de pertenencia y apropiación del territorio, brindando oportunidades de capacitación en el proceso de rehabilitación psicosocial de los usuarios.

Palabras clave: Atención a la Salud Mental. Rehabilitación Psiquiátrica. Intervención Psicossocial.

INTRODUÇÃO

Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços multiprofissionais que visam a reabilitação psicosocial de pessoas com transtornos mentais graves e persistentes. Por reabilitação psicosocial entende-se o desenvolvimento de maior grau de autonomia, funcionamento psicosocial, relacional e exercício de direitos, com vistas a ampliar o sentido de pertencimento e de circulação na cidade (Gruska; Dimenstein, 2015).

Neste sentido, os CAPS funcionam como uma potência para a expansão e diversificação dos vínculos e propiciam o desenvolvimento de redes de suporte, estimulando a integração social, cultural e familiar (Brasil, 2011; Silva; Mendes, 2020; Araújo; Cassoli, 2020).

Os grupos e oficinas terapêuticas, por sua vez, possibilitam o desenvolvimento de habilidades tanto técnicas como relacionais, além de promover a socialização, propiciando o exercício da autonomia, cidadania e protagonismo dos usuários. Dessa forma, as atividades promovidas em CAPS devem ser pensadas considerando esses objetivos mais amplos, assim como questões mais específicas (Brasil, 2004). As atividades extramuros, especificamente, funcionam como meios de integração e circulação nos espaços da cidade, construção de laços e estímulo à expressão, além de potencializar o sentimento de acolhimento e de pertencimento ao território (Kammer; Moro; Rocha, 2020).

Estudos relatam experiências de oficinas de fotografia em serviços como CAPS e Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e mostram como atividades flexíveis como esta oportunizam o desenvolvimento do potencial criativo (Lodetti *et al.*, 2017; Levy, 2018; Sonogo; Gageiro, 2022). O ato de fotografar pela cidade possibilita ainda reflexões sobre a relação entre o indivíduo e o contexto coletivo, abrindo espaço para o usuário pensar sua implicação no território; além disso, promovem a autonomia e o engajamento coletivo, mostrando-se um potente dispositivo de cuidado e no combate ao estigma.

Este relato de experiência buscou descrever e discutir a criação, desenvolvimento e repercussão da construção e desenvolvimento de uma Oficina de Fotografia realizada em uma CAPS II do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, relatando as vivências da implementação deste dispositivo de cuidado como meio de desenvolvimento de autonomia e enlace coletivo.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Este é um relato de experiência que descreve a criação, desenvolvimento e repercussão da Oficina de Fotografia, realizada em um CAPS II da região sul do Brasil. A classificação dos CAPS se dá de acordo com o número de habitantes do município que atende, sendo municípios com população entre 70.000 e 200.000 habitantes atendidos por CAPS II. O referido CAPS encontra-se em Porto Alegre, uma cidade de 1.409.351 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023) e está vinculado a um hospital universitário, sendo a circulação de estudantes, especialmente de nível superior (residência multiprofissional e psiquiátrica), uma realidade do local.

O CAPS onde a experiência aconteceu atende cerca de 180 usuários, sendo pouco mais da metade homens. O plano terapêutico singular de cada usuário é desenvolvido pela equipe em conjunto com usuário e família. Entretanto, é o técnico de referência, profissional de nível superior, o responsável por coordenar e acompanhar a evolução do paciente de forma mais individualizada. Neste CAPS, há oito técnicos de referência de diferentes núcleos profissionais, como educação física, enfermagem, psicologia, psiquiatria, serviço social e terapia ocupacional.

Primeiramente, a oficina foi divulgada na equipe de profissionais do CAPS, sendo explicado seu objetivo e requisitos para possibilitar a participação do usuário. Foi feita uma discussão de possíveis participantes, considerando prejuízo na funcionalidade, independentemente do diagnóstico, e motivação para trabalhar com fotografia e arte, além de alguma capacidade para trabalhar em grupo e circular pela cidade. Identificados os potenciais participantes, cada técnico de referência fez o convite verbal ao usuário, solicitando, caso houvesse interesse, que comparecesse ao CAPS no dia do primeiro encontro.

O grupo inicialmente foi composto por sete usuários que aceitaram participar da proposta. Destaca-se que a oficina foi realizada durante a pandemia de COVID-19, o que

exigiu a tomada de medidas de prevenção ao contágio, incluindo a redução do número de participantes nas atividades grupais do serviço. Não houve critérios demográficos, como idade ou sexo, na seleção dos participantes, apenas terem as condições mínimas conforme descrito no parágrafo anterior. O grupo se caracterizou por usuários homens, jovens (entre 20 e 35 anos), com transtorno mental grave e dificuldade de inserção social - motivo pelo qual estavam em acompanhamento no CAPS. Os usuários serão identificados neste artigo pelos nomes fictícios: André (27 anos), Bruno (32 anos), Carlos (23 anos), Daniel (24 anos), Elias (23 anos), Fernando (26 anos) e Gustavo (21 anos).

Foi estabelecido um grupo fechado, com a realização de 12 encontros. O número de participantes em cada encontro variou de dois a seis usuários. Os encontros tinham duração de uma hora e meia, realizados uma vez por semana, no turno da tarde. O grupo contava com três coordenadores: um técnico de Enfermagem, com experiência em fotografia, e duas residentes do serviço de Psicologia. Ao final de cada encontro, os coordenadores escreviam suas percepções, considerando tanto observações do grupo como um todo como de cada usuário individualmente, em um arquivo. Estas anotações foram compiladas e utilizadas para a discussão dos achados deste trabalho.

Para o desenvolvimento desta atividade, contou-se com máquinas fotográficas e celulares que pertenciam a membros da equipe que concordaram em emprestá-los, computadores com acesso à internet disponíveis no CAPS e passagens para uso de transporte público para os deslocamentos de usuários e equipe, fornecidas pelo hospital a que está vinculado. As fotografias foram realizadas com quatro câmeras digitais portáteis, com baterias recarregáveis que foram emprestadas por profissionais, sendo devolvidas após a finalização da oficina. Os usuários compartilharam as câmeras entre eles e com a equipe, que também realizou fotos junto ao grupo — principalmente nas primeiras saídas de campo, como forma de estimular e naturalizar o ato de fotografar em público. Durante a oficina ocorreram saídas para fotografar intercaladas com encontros dentro do CAPS para avaliação das experiências, discussões acerca da história da fotografia e exploração de técnicas, conforme Quadro 1.

Ao final, três encontros foram dedicados à organização da exposição das fotos realizadas, que ocorreu no último encontro juntamente com a cerimônia de entrega dos certificados aos usuários. Participantes e equipe escolheram 20 fotos que foram impressas e expostas nas dependências do CAPS, assim como o nome da exposição, que foi construído em coletivo. A impressão foi financiada pelo hospital ao qual o CAPS está vinculado. A preparação da sala para o evento e a criação dos certificados foram realizadas pelos coordenadores do grupo.

Quadro 1 — Descrição dos 12 encontros realizados na Oficina de Fotografia.

ENCONTROS	OBJETIVOS
1. Introdução	Apresentação dos integrantes e da equipe, com atividade utilizando imagens; proposta da oficina; elaboração do contrato Discussão sobre onde seria realizada a primeira saída para fotografar
2. Primeira saída	Saída para fotografar no Parque Moinhos de Vento
3. História da fotografia	Apresentação e discussão acerca de vídeo sobre a história da fotografia; discussão sobre a saída anterior e a experiência dos integrantes; projeção para o próprio grupo das fotos feitas no encontro anterior, escolha do próximo local a ser fotografado

4. Segunda saída	Saída para fotografar no Jardim do DMAE
5. Explorando novas técnicas	Apreciação das fotos feitas no encontro anterior; exploração de técnicas de efeito de iluminação com atividade de fotografia dentro do CAPS; escolha do local para a próxima saída
6. Terceira saída	Saída para fotografar no Parque Farroupilha
7. Feira do Livro	Saída de campo na Feira do Livro de Porto Alegre
8. Organização da exposição	Debate sobre a exposição final da oficina, com início da escolha das fotos para a exposição
9. Quarta saída	Saída para fotografar no Centro Histórico de Porto Alegre
10. Organização da exposição	Escolha das fotos e planejamento para a exposição final
11. Organização da exposição	Seguimento na organização da exposição; escolha das fotos dos usuários e músicas para a cerimônia de formatura; escolha do título da exposição
12. Exposição e encerramento da oficina	Exposição “Portografando: lugares por onde andei”; formatura com a entrega dos certificados; encerramento da oficina

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

No primeiro encontro da oficina participaram apenas dois usuários. A atividade iniciou com a apresentação dos integrantes e da equipe. A responsabilidade e o comprometimento foram trabalhados desde o primeiro encontro com o estabelecimento do contrato que exigia uma presença mínima de 75% nos 12 encontros para a obtenção do certificado. O certificado, produzido pela equipe, teve o intuito de simbolizar e valorizar o compromisso assumido pelos participantes.

Os coordenadores apresentaram a proposta da oficina: circular pela cidade e fazer fotografias desses espaços. A atividade catalisadora consistiu em apresentar imagens de pessoas, animais e paisagens, e solicitar que os usuários escolhessem aquelas que mais chamaram sua atenção. Foi discutido acerca do que as imagens escolhidas remetiam para cada um. O usuário André apenas descreveu as imagens e escolheu as fotos de forma aparentemente aleatória. O usuário Carlos demonstrou maior capacidade de simbolização e reflexão. Uma das suas imagens escolhidas apresentava ondas quebrando em rochedos, a qual relacionou ao período histórico das Grandes Navegações e à época escolar.

Ao final do primeiro encontro, a equipe apresentou duas sugestões de locais para a primeira saída e os usuários escolheram o Parque Moinhos de Vento — um parque tradicional da cidade que fica localizado a 2,5 quilômetros do CAPS onde ocorreu a oficina. Este parque foi escolhido pelos usuários por ser próximo ao CAPS, possibilitando que o acesso ocorresse sem a necessidade de transporte público.

No segundo encontro, quando se deu a visita ao parque, houve a participação de um novo integrante, sendo realizado um primeiro momento, ainda no CAPS, com os usuários para retomada da proposta do grupo, instruções e aproximação com o equipamento de fotografia. Após, foi feita a saída de campo. O trajeto até o local escolhido foi percorrido por uma caminhada

em grupo. Durante o trajeto, os usuários interagiram quando estimulados pela equipe, aparentando certo desconforto em circular em grupo e timidez para fotografar durante o caminho.

No terceiro encontro, novamente houve a inserção de um novo integrante, sendo retomado o propósito do grupo a partir da visão dos usuários. Nesta ocasião, foi solicitado que os integrantes explicassem sobre o grupo, quando falaram que iriam aprender a tirar fotos e andar pela cidade. Posteriormente, as fotos realizadas no encontro anterior foram projetadas na sala, servindo como catalisador para a conversa sobre as fotos e avaliação da experiência. O usuário André demonstrou ter gostado de realizar a saída, fazendo sugestão de um novo local para o grupo fotografar. O usuário Daniel mostrou-se satisfeito ao olhar suas fotos ao reconhecer e sorrir frente à sua produção, verbalizando terem ficado boas. O usuário Bruno, além de elogiar suas fotos, demonstrando satisfação com sua produção, repetiu algumas dicas sobre fotografia transmitidas ao longo do passeio por um dos coordenadores do grupo, demonstrando interesse em aprender. Além disso, foi projetado um vídeo que contava a história da evolução da fotografia.

No quarto encontro, houve nova saída de campo — no Jardim do Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE). O usuário André, que sugeriu a visita neste espaço no encontro anterior, fez questão de mostrar que conhecia o caminho, estando à frente do grupo, que percorreu a pé os dois quilômetros até o local. Na chegada, houve um impasse para a entrada do grupo devido a restrições do local para fotos. As regras do local proíbem uso de máquinas fotográficas e grandes grupos. Coordenadores tiveram que explicar e negociar com os funcionários do local para conseguirem efetivar o passeio. Foi demandado que equipe e usuários se dividissem em trios para fazer fotos do local, e usassem somente as câmeras dos celulares. Os usuários acompanham atentos a negociação, vivenciando os desafios de ocupar espaços públicos, assim como a possibilidade de conversa e argumentação, o que possibilitou a continuidade da atividade. Essa vivência foi trabalhada com os usuários no retorno ao CAPS, quando foram retomados os entraves e as formas de lidar com estes. Os usuários trouxeram do sentimento de tensão e de que acreditavam que não conseguiriam seguir com o passeio e do alívio na forma como foi conduzido. Os coordenadores buscaram extrapolar esta vivência para outras questões do dia a dia, mas os usuários não conseguiram trazer exemplos da vida prática deles.

No quinto encontro, as fotos produzidas no passeio realizado no Jardim do DMAE foram projetadas e apreciadas, buscando reconhecer e valorizar as produções individuais. Após, algumas técnicas de efeito de iluminação foram exploradas pela produção de fotos com materiais de dentro da sala do CAPS. O usuário André apresentou dificuldades para reconhecer as fotos que produziu, questionando sua capacidade, quando, por exemplo, comentava que aquela foto não poderia ser sua pois estava muito bem enquadrada. Também se mostrou impressionado quando sua *selfie* foi valorizada pelo grupo, demonstrando surpresa e satisfação com sua produção. O usuário Bruno sinalizou para a equipe que não estava se sentindo muito bem neste dia, mas ainda assim permaneceu e se voluntariou para iniciar as atividades propostas, apresentando esforço e interesse pela participação no grupo. O restante do grupo realizou poucos comentários, manifestando-se espontaneamente quando reconheciam sua produção na projeção das fotos realizadas.

Na primeira parte do sexto encontro, foi realizada a saída de campo para o Parque Farroupilha, outro parque tradicional da cidade, localizado a menos de um quilômetro do serviço. A fim de facilitar a organização, e considerando o número insuficiente de máquinas fotográficas, foi solicitado para que os usuários formassem duplas para seguir com o uso

das câmeras, que foram etiquetadas. Este combinado possibilitou maior iniciativa de pedir a câmera para sua dupla quando queriam fotografar algo, além de fomentar a troca e o diálogo entre os pares.

Na segunda parte deste encontro, já de volta ao CAPS, houve um momento de construção coletiva do significado do grupo de fotografia, no intuito de organizar um material para expor na Feira do Livro do município. Este evento contava com um estande itinerante e comunitário, em que diversos serviços públicos e/ou comunitários poderiam expor seu trabalho por um dia. Na semana seguinte, seria o dia do CAPS expor suas diversas oficinas e formas de trabalho. A Oficina de Fotografia se inseriu por meio da construção de frases que expressassem seu objetivo e sentido, que seriam impressas e expostas em um varal no estande. O usuário Bruno destacou que, ao sair para fotografar, acaba prestando atenção em coisas que passariam despercebidas. Também foi comentado sobre imagens e ações que inspiram. O usuário Daniel destacou a importância de estar em um local público vencendo seus medos. A fotografia foi relacionada também com o ato de aprender algo novo e de pensar sobre como estamos nos sentindo.

No sétimo encontro, ocorreu a visita à Feira do Livro. Para chegar ao local, o grupo utilizou transporte coletivo. Apesar de chegar ao CAPS adiantado, o usuário André estava em outro ambiente na hora que o grupo saiu, tendo ficado no CAPS. Quando a equipe que ficou no serviço percebeu, orientou-o quanto à condução necessária e ele foi capaz de utilizar o ônibus sozinho, encontrando-se com o grupo posteriormente na feira. Fato este que evidenciou capacidade de organização, autonomia e proatividade do usuário.

Na Feira do Livro, o grupo participou de uma visita guiada pela feira, promovida por outra usuária do CAPS. Ao longo da exploração pela feira, os usuários fotografaram alguns livros, conheceram a banca na qual as frases que eles construíram estavam expostas, realizando uma foto em frente ao local. Além de ter sido observado o orgulho por verem seu trabalho exposto pelas frases, bem como por sua colega do CAPS os terem representados como parte da comissão organizadora do evento, os usuários vivenciaram o ato de ser objeto da fotografia, pois um dos patrocinadores do evento disponibilizou um painel que estimulava a divulgação da participação na feira. Os usuários se empolgaram e posaram no painel enquanto outro colega os fotografava, mostrando desejo de serem vistos e de participarem das tecnologias atuais.

No oitavo encontro foi iniciada a organização da exposição que seria promovida ao final da oficina, incentivando a tomada de decisões em grupo. Os usuários apreciaram as fotos feitas durante as saídas e escolheram 20 fotos para serem impressas e expostas, sendo realizada votação quando o grupo ficava em dúvida.

No nono encontro, o grupo utilizou transporte público para realizar a última saída de campo, que aconteceu no Centro Histórico do município. Foi perceptível a mudança na postura dos usuários, os quais mostravam-se familiarizados com os equipamentos e menos receosos, mesmo diante dos olhares de pessoas apressadas que passavam pelo grupo, demonstraram apropriação do ato de fotografar e de circular por locais públicos.

No décimo e décimo primeiro encontro, o processo de organização da exposição final da oficina teve continuidade. A etapa de escolha das fotos que seriam expostas foi finalizada e produziram-se fotos individuais dos usuários para representá-los na exposição. Cada usuário escolheu a música que entraria na sala para receber o certificado, remetendo ao ato de formatura. O usuário André referiu que não ouvia músicas, recebendo ajuda do grupo para escolher sua música de entrada. Os usuários Bruno e Daniel

mostraram-se decididos quanto à sua música, e o usuário Carlos precisou de estímulo, mas expressou sua preferência musical.

A construção do nome da exposição se deu de forma coletiva, inicialmente com sugestões da equipe, mas posteriormente com maior engajamento do grupo para a construção de possibilidades. Com o auxílio da equipe, o grupo foi realizando a junção e as trocas de palavras, culminando em seis opções. A definição final ocorreu por meio de votação e o nome escolhido foi “Portografando: lugares por onde andei”. Portografando foi uma combinação das palavras “Porto Alegre”, fazendo referência à apropriação do território da cidade de Porto Alegre, e “fotografando” representando a atividade desenvolvida na oficina, que era fotografar a cidade.

Para encerrar a oficina, no décimo segundo encontro foi realizada a exposição com cerimônia de entrega do certificado de participação e apresentação das fotos selecionadas. O usuário Bruno não compareceu à exposição, relatando posteriormente para a equipe que não foi capaz de lidar com pensamentos obsessivos naquele momento.

O momento da exposição foi de realização para os usuários e equipe. O evento ocorreu em uma sala de grupos do CAPS. As fotos impressas foram expostas separadas por artistas/usuários juntamente com suas fotos individuais, de forma a apresentar os fotógrafos ao público. Outros profissionais do serviço vieram prestigiar e apreciar a exposição, o que motivou os usuários a explicarem a motivação para capturar as imagens, assim como relatar os passeios e lugares por onde o grupo circulou. Os usuários comentaram sobre detalhes que lhes chamaram a atenção em paisagens, sobre lugares que nunca tinham ido antes e sobre a relação de amizade que desenvolveram. Em um momento de descontração, contaram dos entraves e dificuldades e de como lidaram com estas situações.

Foi realizada uma cerimônia de entrega do certificado criado pela equipe, em que cada usuário foi chamado à frente ao som da música escolhida e recebeu o certificado das mãos de profissionais da equipe. Ao final, o usuário Daniel fez uma fala representando o grupo, na qual marcou a importância da participação em atividades coletivas e destacou os passeios pela cidade.

Este artigo é fruto da assistência. Como os resultados e discussões são baseados em registros e observações dos profissionais, não foi necessária tramitação da proposta em Comitê de Ética. Ressalta-se, entretanto, que foram respeitados princípios éticos de anonimato dos participantes.

DISCUSSÃO

Considerando o público atendido no CAPS — usuários com limitações na autonomia e no repertório de habilidades sociais e com vínculos sociais empobrecidos — observa-se a relevância de atividades extramuros dentro da proposta de reabilitação psicossocial e exercício da cidadania. Para Nunes, Torres e Zanotti (2015), o desenvolvimento da autonomia aparece como uma das finalidades das oficinas em CAPS, que se configuram como espaços que auxiliam na ressocialização dos usuários e no restabelecimento de vínculos sociais e familiares.

Em uma pesquisa realizada referente ao conceito de autonomia, usuários de um CAPS encontraram dificuldade para definir tal conceito, mas o associaram com a ideia de liberdade, do exercício de ir e vir, e do gerenciamento da sua vida (Kammer; Moro; Rocha, 2020). Relacionada ao gerenciamento da vida e de situações cotidianas, a capacidade de autonomia está intimamente ligada ao desenvolvimento das funções executivas (FE), as quais são demandadas

em situações que exigem atenção, planejamento e comportamento intencional (Fonseca; Prando; Zimmermann, 2016). O planejamento exige capacidade de organização e iniciativa — habilidades desenvolvidas, por exemplo, quando o usuário, ao chegar atrasado para uma atividade, conseguiu se direcionar até a Feira do Livro de forma autônoma, sendo capaz de encontrar a rota de ônibus que o levaria até o local desejado e se juntar ao grupo no evento.

A sugestão de locais para visita também demonstra planejamento. Frente a uma proposta, se busca no repertório mental alternativas para atingir este objetivo e se esboça um plano de ação. O crescimento dos usuários neste quesito foi perceptível. Nos primeiros encontros adotaram uma postura passiva, esperando sugestões e orientações; entretanto, com o decorrer do tempo, trouxeram ideias próprias, conseguindo fazer sugestões, propor e defender suas ideias, quando questionados sobre formas de acesso e atrativos do local. Isto pode ser ilustrado pelo fato de que a primeira saída de campo partiu de duas alternativas dadas pela equipe em que os usuários escolheram uma. Já o encontro seguinte foi uma sugestão espontânea de um usuário que demonstrou ter entendido a proposta e ter buscado alternativas em seu repertório mental.

Além disso, percebeu-se que as primeiras saídas foram a locais mais próximos, factíveis de se ir caminhando, enquanto as últimas já foram em locais um pouco mais distantes, que exigiam o uso de transporte público. Esse processo demonstra que no início optaram por se manterem em locais mais familiares, em sua zona de conforto, e, conforme desenvolveram segurança e autonomia, permitiram-se inovar e desafiar-se a locais mais longínquos e outras formas de locomoção.

A flexibilidade mental, assim como controle inibitório e memória de trabalho, são elementos centrais nas FE (Fonseca; Prando; Zimmermann, 2016). Atividades que ocorrem em contextos reais expõem os indivíduos a imprevistos, frustrações e diferentes demandas, exigindo flexibilidade mental e instrumentalizando os usuários para lidar com os desafios do dia a dia (Pereira-Guizzo *et al.*, 2018). A situação ocorrida no passeio do DMAE, quando os usuários se depararam com um impedimento para entrarem em grande grupo e utilizarem as máquinas fotográficas, possibilitou o desenvolvimento de flexibilidade mental. Tiveram a oportunidade de lidar com o imprevisto e pensar alternativas, e de observar a comunicação assertiva, na medida em que o grupo teve que expor suas necessidades, ideias e planos para atingir seu objetivo. Apesar da negociação para entrada ter sido feita prioritariamente pela equipe, os usuários mantiveram-se atentos, observando o que estava sendo discutido. A observação atenta pode ser o primeiro passo no desenvolvimento destas complexas habilidades.

A organização da exposição, que ocorreu ao longo de toda a oficina, se mostrou desafiadora. Por meio de momentos como a escolha coletiva das fotos e a construção do nome do evento, a atividade permitiu que os usuários exercitassem o diálogo, capacidade de planejamento, antecipação e tolerância à frustração, além da habilidade de pedir e oferecer ajuda. Salienta-se a importância da cooperação entre os participantes para a organização da exposição, considerando a necessidade de que todos colocassem a sua opinião perante o grupo para que se pudesse chegar a um consenso, estimulando o exercício de comunicação. O evento ressaltou a importância de promover finalizações que marcam conquistas, uma vez que os usuários relataram que nunca haviam participado de eventos em que fossem o foco.

Além destas habilidades específicas, importantes para comunicação e para o convívio em sociedade, a oficina também possibilitou o trabalho de questões mais subjetivas, como a descoberta de novos prazeres e a percepção de pertencimento e apropriação de espaços públicos. Pessoas com sofrimento mental são vítimas de estigma social, que contribui para

a formação de um ciclo vicioso discriminatório que estabelece barreiras para que realizem projetos de vida, enquanto estimulam a crença de que elas são incapazes de realizar tarefas. Assim, com poucas oportunidades, são excluídas socialmente, perpetuando a ideia de que não participam da sociedade (Nascimento; Leão, 2019).

Em pesquisa realizada com psicólogos sobre oficinas terapêuticas em Centros de Atenção Psicossocial, Nunes, Torres e Zanotti (2015) evidenciaram a importância de oficinas na prática coletiva assistencial com o objetivo de promover a expressão subjetiva dos usuários e de facilitar a ressocialização e reabilitação psicossocial dos sujeitos. A escolha dos locais para visitação, as negociações quanto às decisões e organização da exposição, assim como os movimentos necessários para compartilhamento e organização das câmeras, mostraram-se como recursos importantes dentro da oficina, proporcionando espaços para expressão de desejos, opiniões e capacidade de negociação e trabalhando aspectos intrínsecos ao convívio social.

Ribeiro *et al.* (2022), em uma revisão de literatura acerca de estudos que abordam ações em saúde mental a partir do uso da fotografia, apontaram a ferramenta fotográfica como uma aliada para gerar mudanças no formato assistencial, pois mostra-se potente na construção de um espaço no qual sentimentos e experiências dos usuários podem emergir, diferenciando-se de outras propostas dentro do tratamento em saúde mental que, por vezes, focam na sintomatologia e nas limitações apresentadas. As autoras salientam ainda a oportunidade de construção de novas perspectivas de vida, a partir das reflexões e da visibilidade promovida pelo ato ativo de fotografar. No grupo, observou-se o reconhecimento de desejo e de prazeres antes não acessados. Ao invés de perceberem-se como doentes, os participantes se viram ativos na construção de sua subjetividade.

Ao descrever uma oficina de fotografia em um CAPS, Sonego e Gageiro (2021) destacaram que, em paralelo ao processo de fotografar a cidade e produzir subjetividade por meio de capturas de imagens, o projeto propiciou ao grupo apropriação do território. Esta apropriação se deu tanto pelo processo de circulação, quanto pela possibilidade de compartilhar e produzir lembranças, sons, cenas, palavras, que promoveram um deslocamento do papel ocupado por estes sujeitos no contexto público. Mudanças também foram observadas ao longo da oficina. No início, os usuários mostravam-se mais receosos, deixando que os profissionais assumissem a condução do grupo e dos alvos da fotografia. Com o tempo, desenvolveram segurança e autonomia, conseguindo, ao longo dos encontros, falar de forma mais aberta e colocarem-se de maneira mais efetiva. Isso foi percebido, inclusive, pela posição dos usuários no grupo quando em ambientes públicos. Nos últimos encontros, determinados usuários assumiram a liderança do grupo, indo na frente, e/ou sugerindo e tirando fotos de forma espontânea, sem necessitar da anuência dos profissionais — como acontecia nos primeiros encontros. A escolha por lugares cada vez mais longe também demonstra o incremento do senso de segurança e de pertencimento.

Faz-se necessário destacar que a maioria dos usuários participantes deste relato não ocupava espaços públicos, mantendo atividades que se restringiam à casa e ao serviço de saúde mental, com uma rotina que gira em torno do seu tratamento. A pesquisa realizada por Azevedo *et al.* (2012), com profissionais da rede de saúde mental em relação a práticas extramuros como promotoras de inclusão social, mostrou que o medo de estar em espaços públicos é compartilhado por familiares e usuários. A oficina possibilitou ainda a circulação por espaços fora do serviço de saúde, onde habitualmente os usuários não se sentiam protegidos. A presença de profissionais da equipe trouxe um elemento de segurança, facilitando esta circulação.

Desde a primeira saída para exploração de um parque público, foi perceptível a satisfação dos usuários de estarem em grupo ocupando novos lugares. Também se percebeu o processual desenvolvimento do sentimento de autorização para fotografar em locais públicos. Inicialmente, os usuários tiravam suas câmeras do bolso com receio, sem saber se poderiam fazer um registro daquele lugar, questionando sua condição de pertencimento ao meio social e solicitando, então, que os profissionais autorizassem e validassem o direito de fotografar. Tal aspecto pode ser ilustrado pela fala do usuário Daniel, em um momento de construção coletiva sobre o significado do grupo em que aponta: “a importância de estar em um local público, vencendo nossos medos”. Essa fala evidencia o quanto ainda é sentido como risco estar em locais públicos, o quanto ainda amedronta estar exposto em um parque ou na rua, sinalizando a importância do desenvolvimento de atividades que estimulem a apropriação destes espaços. Nesse sentido, destaca-se que durante a oficina puderam ser trabalhados aspectos como tratamento humanizado, reinserção social e cuidado comunitário, conforme os princípios previstos pela Reforma Psiquiátrica (Brasil, 2001).

Adentrar os espaços coletivos e sentir-se parte do mundo que ocupa ainda é um grande desafio em saúde mental. A Oficina de Fotografia mostrou-se um importante dispositivo de prática desse cuidado, indo ao encontro do que se deseja desenvolver com os usuários de serviços psicossociais como o CAPS. A exposição a diferentes estímulos e a descoberta de novos interesses também permitiram o desenvolvimento pessoal e reconhecimento de si para além de usuário de CAPS, contribuindo para o rompimento de barreiras que sustentam a patologização e segregação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou descrever e discutir a criação, desenvolvimento e repercussão de Oficina de Fotografia para usuários de um CAPS II com importante prejuízo na funcionalidade, destacando o impacto e as aquisições promovidas por meio da intervenção. Aprendizados foram gerados com a Oficina, a qual possibilitou a interação e colaboração entre os usuários, que tiveram que negociar entre si para compartilhar os equipamentos e realizar escolhas — habilidades que também podem ser transpostas para situações corriqueiras no dia a dia. O fluxo constante de entradas e saídas de usuários demandou, reiteradamente, a retomada do contrato e trouxe prejuízos a sua construção longitudinal. As repetições, entretanto, permitiram que os usuários se apropriassem dos combinados, sendo capazes de orientar os novos integrantes de forma autônoma.

A Oficina de Fotografia mostrou-se um importante dispositivo para o desenvolvimento de habilidades específicas, como as relacionadas às funções executivas, e gerais, como o desenvolvimento de autonomia. Trabalhou-se a subjetividade dos usuários que descobriram novos interesses e fontes de prazer, e sentimento de pertencimento pela apropriação do território. Ficou evidente o quanto o andar na rua e o agir sobre ela — por meio do ato de fotografar — ainda é algo assustador e desafiador para pessoas com transtornos mentais, aspecto que sinaliza que o estigma social ainda se mostra opressor.

Os CAPS têm um papel importante na luta contra a segregação social. A Oficina de Fotografia oportunizou o cuidado integral por meio de uma prática que transcende o foco na patologia e estimula o andar na rua, a exposição ao sol, o contato com a natureza e a realização de atividades de lazer, promovendo o exercício da cidadania e oportunizando a socialização.

Referências

- ARAÚJO, J. B.; CASSOLI, T. Reabilitação psicossocial: entre a segurança e ética da existência. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 52-76, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/90746/58988>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- AZEVEDO, E. B. *et al.* Práticas inclusivas extramuros de um Centro de Atenção Psicossocial: possibilidades inovadoras. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 595-605, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/rr5gCVphNLDv5TgjdFYggDf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Decreto n. 7508, de 28 de junho de 2011**. Regulamenta a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para dispor sobre a organização do Sistema Único de Saúde — SUS, o planejamento da saúde, a assistência à saúde e a articulação interfederativa, e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7508.htm. Acesso em: 24 mar. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm. Acesso em: 10 maio 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf. Acesso em: 18 jan. 2022.
- FONSECA, R. P.; PRANDO, M. L.; ZIMMERMANN, N. **Tarefas para avaliação neuropsicológica: avaliação da linguagem e funções executivas em crianças**. Memnon Edições Científicas: São Paulo, 2016. v. 1.
- GRUSKA, V.; DIMENSTEIN, M. Reabilitação psicossocial e acompanhamento terapêutico: equacionando a reinserção em saúde mental. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 101-122, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n1/06.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama de Porto Alegre**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>. Acesso em: 10 maio 2023.
- KAMMER, K. P.; MORO, L. M.; ROCHA, K. B. Concepções e práticas de autonomia em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS): Desafios cotidianos. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 20, n. 47, p. 36-50, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v20n47/v20n47a04.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2022.
- LEVY, V. L. S. A terapêutica de um “CAPS AD” em um coletivo de fotografia. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 30, n. 3, p. 310-313, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/Scf9fWfQLb7PTf5hFJZZvgK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 fev. 2023.
- LODETTI, M. B. *et al.* Psicologia social e CRAS: a experiência de uma oficina de fotografia como dispositivo ressignificador de sentidos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 589-608, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/7036>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- NASCIMENTO, L. A.; LEÃO, A. Estigma social e estigma internalizado: a voz das pessoas com transtorno mental e os enfrentamentos necessários. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 26, n. 1, p. 103-121, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/sNMq8fztJLGCfvsQ47ckrSn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2023.
- NUNES, V. S.; TORRES, M. A.; ZANOTTI, S. V. O psicólogo no CAPS: um estudo sobre oficinas terapêuticas. **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, v. 5, n. 2, p. 135-146, 2015. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/download/1649/1200>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- PEREIRA-GUIZZO, C. S. *et al.* Programa de habilidades sociais para adolescentes em preparação para o trabalho. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 573-581, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/kbdCsgPNBhKmhvDtWgRS5nr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- RIBEIRO, L. S. *et al.* A fotografia em saúde mental: um olhar para o subjetivo. **SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 87-94, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/170033/182843>. Acesso em: 4 fev. 2023.
- SILVA, A. F. L.; MENDES, A. M. P. Reabilitação psicossocial e cidadania: o trabalho e a geração de renda no contexto da oficina de panificação do CAPS Grão-Pará. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 12, n. 33, p. 55-74, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/download/68878/45168/286408>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- SONEGO, V. M.; GAGEIRO, A. M. Oficina de fotografia como dispositivo em saúde mental: psicanálise e a analista-inventariante. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 45, p. 263-279, 2021. Disponível em: https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/244/223. Acesso em: 24 jan. 2022.
- SONEGO, V. M.; GAGEIRO, A. M. O olhar em psicanálise no contexto da oficina de fotografia na atenção psicossocial. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 54-60, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/dqVg4mB8JL93FWVjwZTjzTm/?format=pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

Fonte de financiamento

Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Contribuição dos autores

Natália Medeiros Petitemberg — elaboração do texto, coleta e análise dos dados, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

Antonella Cabrini de Lima — elaboração do texto, coleta e análise dos dados, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

Miguel Ângelo Farias de Lima — elaboração do texto, coleta e análise dos dados, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

Flávia Pimentel Pereira — elaboração do texto, análise dos dados, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

Juliana Unis Castan — elaboração do texto, análise dos dados, revisão do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito.

Conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Responsabilidade editorial

Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, Mariangela Kraemer Lenz Ziede
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

Recebido em: 30/03/2023

Aceito em: 26/06/2023

Publicado em: 09/08/2023